



IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE QUMRAN: ANÁLISE COMPARATIVA DAS PERSPECTIVAS ESCATOLÓGICAS, CULTURAIS E SOCIAIS DOS ESSÊNIOS, FARISEUS, SADUCEUS, SICÁRIOS E ZELOTES

João Paulo Fortes¹
Jonas Machado²

RESUMO

Este estudo investiga a identidade da comunidade de Qumran por meio de uma análise comparativa das interpretações escatológicas e das diferenças culturais e sociais dos grupos judaicos contemporâneos do Segundo Templo: essênios, fariseus, saduceus, zelotes e sicários. Partindo dos Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947, o estudo explora como essas crenças e práticas não apenas refletiam as esperanças apocalípticas de cada grupo, mas também suas organizações sociais, relações de poder e influências culturais. Os essênios, conhecidos por sua pureza ritual e isolamento, contrastam com os fariseus, que mediavam entre o povo e a Lei. Os saduceus, com seu foco no Templo, e os zelotes e sicários, que associavam resistência política à esperança escatológica, completam o panorama de um judaísmo fragmentado, mas interligado. A pesquisa revela que, embora os essênios provavelmente tenham desempenhado um papel central na produção dos manuscritos, as evidências sugerem uma influência múltipla, tornando Qumran um ponto de convergência teológica e cultural. Este estudo não apenas ilumina as dinâmicas religiosas do período, mas fornece, também, insights valiosos sobre como essas crenças moldaram a transição entre o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo primitivo.

Palavras-chave: Qumran; escatologia; essênios; judaísmo do Segundo Templo; Manuscritos do Mar Morto.

Identity of the Qumran community: a comparative analysis of the eschatological, cultural, and social perspectives of the Essenes, Pharisees, Sadducees, Sicarii, and Zealots

ABSTRACT

This paper investigates the identity of the Qumran community through a comparative analysis of the eschatological interpretations and cultural and social differences of the Jewish groups that were contemporary with the Second Temple: Essenes, Pharisees, Sadducees, Zealots, and Sicarii. Drawing on the Dead Sea Scrolls, discovered in 1947, the study explores how these beliefs and practices not only reflected the apocalyptic hopes of each group, but also their social organizations, power relations, and cultural influences. The Essenes, known for their ritual purity and isolation, contrast with the Pharisees, who mediated between the people and the Law. The Sadducees, with their focus on the Temple, and the Zealots and Sicarii, who associated political resistance with eschatological hope, complete the picture of a fragmented but interconnected Judaism. The research reveals that while the Essenes likely played a central role in the production of the manuscripts, the evidence suggests a multifaceted influence, making Qumran a theological and cultural focal point. This study not only illuminates the religious dynamics of the period but also provides valuable insights into how these beliefs shaped the transition between Second Temple Judaism and early Christianity.

Keywords: Qumran; eschatology; Essenes; Second Temple Judaism; Dead Sea Scrolls.

¹ Mestre. Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Jpfortes2@gmail.com

² Doutor. Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Email: jonas.machado@teologica.net. ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-9690-0615>.

Identidad de la comunidad de Qumrán: un análisis comparativo de las perspectivas escatológicas, culturales y sociales de los Esenios, Fariseos, Saduceos, Sicarios y Zelotes.

RESUMEN

Este estudio investiga la identidad de la comunidad de Qumrán mediante un análisis comparativo de las interpretaciones escatológicas y las diferencias culturales y sociales de los grupos judíos contemporáneos del período del Segundo Templo: esenios, fariseos, saduceos, zelotes y sicarios. Basándose en los Rollos del Mar Muerto, descubiertos en 1947, el estudio explora cómo estas creencias y prácticas reflejaban no solo las esperanzas apocalípticas de cada grupo, sino también sus organizaciones sociales, relaciones de poder e influencias culturales. Los esenios, conocidos por su pureza ritual y aislamiento, contrastan con los fariseos, quienes mediaban entre el pueblo y la Ley. Los saduceos, con su enfoque en el Templo, y los zelotes y sicarios, que asociaban la resistencia política con la esperanza escatológica, completan el panorama de un judaísmo fragmentado pero interconectado. La investigación revela que, si bien los esenios probablemente desempeñaron un papel central en la producción de los manuscritos, la evidencia sugiere múltiples influencias, lo que convierte a Qumrán en un punto de convergencia teológica y cultural. Este estudio no solo arroja luz sobre la dinámica religiosa de la época, sino que también proporciona valiosas perspectivas sobre cómo estas creencias moldearon la transición entre el judaísmo del Segundo Templo y el cristianismo primitivo.

Palabras clave: Qumrán; escatología; esenios; judaísmo del Segundo Templo; Rollos del Mar Muerto.

INTRODUÇÃO

Os Manuscritos do Mar Morto, descobertos entre 1947 e 1956 em cavernas próximas ao assentamento de Qumran, às margens do Mar Morto, representam um dos achados arqueológicos mais significativos do século XX. Esses textos, que abrangem o período aproximado de 250 a.C. a 68 d.C., oferecem uma visão abrangente e profunda sobre o judaísmo do Segundo Templo (García Martínez, 2006; Vermes, 1997). Entre os manuscritos, encontram-se livros bíblicos, textos apócrifos e documentos sectários que fornecem pistas valiosas para a compreensão das crenças, práticas e organização da comunidade que os produziu.

A identidade dessa comunidade é amplamente associada aos essênios, uma das muitas seitas judaicas do período; desde os primórdios da descoberta, a hipótese essênica tem sido a mais aceita, desde que proposta pela primeira vez por Eleazar Sukenik (VanderKam, 1994). Contudo, a questão de sua identidade específica permanece aberta, com debates acadêmicos envolvendo a relação dessa comunidade com outros grupos judaicos, como fariseus, saduceus, sicários e

zelotes (Schiffman, 1994; VanderKam & Flint, 2002). A análise dos manuscritos revela não apenas aspectos teológicos, mas também insights sobre o contexto histórico e social do judaísmo do Segundo Templo e seu impacto no cristianismo primitivo (Collins, 1998).

Dentro desse cenário, a apocalíptica emerge como uma característica central para a identificação da comunidade de Qumran. Os textos encontrados frequentemente refletem uma visão apocalíptica do mundo, marcada por expectativas messiânicas e pela crença em uma batalha iminente entre as forças do bem e do mal. Obras como o Rolo da Guerra e interpretações de passagens bíblicas, como as setenta semanas de Daniel, evidenciam um pensamento escatológico bem definido, alinhado às características de um grupo sectário apocalíptico (Ferreira, 2020; Collins, 1993).

Embora a apocalíptica seja uma característica central para a identificação da comunidade de Qumran, a comparação cultural e social entre os grupos judaicos contemporâneos é igualmente reveladora. As diferentes formas de organização social, como o isolamento celibatário dos essênios, contrastam com a maior integração dos

fariseus à vida cotidiana judaica (Neusner, 1991). Os saduceus, com seu foco exclusivo nas elites sacerdotais e no culto no Templo, representavam uma aristocracia religiosa que se opunha tanto à visão apocalíptica dos essênios quanto ao rigor teológico dos fariseus. Já os zelotes e sicários, embora profundamente influenciados por crenças apocalípticas, articulavam suas visões escatológicas com a resistência política e militar (Horsley, 1987).

Explorar as diferenças culturais e sociais desses grupos é essencial para uma compreensão mais ampla da comunidade de Qumran. Isso permite observar como elementos como organização comunitária, práticas rituais e relações com o poder político moldaram não apenas as crenças escatológicas, mas também as dinâmicas sociais e culturais do judaísmo do Segundo Templo. Assim, ao integrar essas dimensões ao estudo, este trabalho busca lançar luz sobre as interseções entre o pensamento teológico, as práticas sociais e o contexto histórico dessa época fascinante.

A relevância desse estudo transcende a área teológica, pois lança luz sobre as interseções entre crenças religiosas e contextos sociais que moldaram tanto o judaísmo quanto o cristianismo primitivo. Além disso, compreender como diferentes grupos judaicos interpretavam o futuro escatológico de Israel pode ajudar a esclarecer a evolução das tradições religiosas que ainda impactam o mundo moderno. Assim, ao explorar as interpretações apocalípticas como critério de identificação por meio de análise comparativa, este estudo busca compreender melhor a comunidade de Qumran.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em uma ampla revisão da literatura especializada sobre os Manuscritos do Mar Morto, as seitas judaicas do Segundo Templo e a expectativa messiânica enquanto fenômeno teológico e histórico. Esse corpus de pesquisa é essencial para contextualizar as interpretações proféticas

da comunidade de Qumran e suas relações com outros grupos judaicos contemporâneos.

As obras de Florentino García Martínez (2006) e Geza Vermes (1997) oferecem uma base indispensável para a compreensão dos manuscritos, abordando aspectos como sua origem, conteúdo e organização comunitária. García Martínez destaca a importância dos documentos sectários, como o Rolo da Guerra e o Manual de Disciplina, que refletem práticas sociais rigorosas e uma forte perspectiva de um evento divino iminente. Vermes, por sua vez, enfatiza a conexão entre os manuscritos e a doutrina essênica, sugerindo que a comunidade de Qumran representa uma vertente mais radical do judaísmo do Segundo Templo. Sua abordagem também examina a interação entre esses textos e o pensamento teológico da época, detalhando as crenças sobre o Messias e o destino final de Israel.

John J. Collins é uma referência central para os estudos sobre o pensamento apocalíptico no judaísmo. Em *Imaginação Apocalíptica* (1998), ele investiga as origens e o desenvolvimento desse conceito, destacando sua relevância para a identidade dos grupos dissidentes da época. Além disso, seu comentário sobre o livro de Daniel (1993) fornece insights fundamentais sobre as Setenta Semanas, um trecho essencial para compreender a expectativa messiânica presente nos Manuscritos do Mar Morto.

A pesquisa de Clarisse Ferreira (2020) sobre o Peshar Habacuc e outros escritos de Qumran também é fundamental para entender a forma como essa comunidade reinterpretava as Escrituras à luz de sua realidade histórica. Ferreira argumenta que o método peshar revela não apenas uma abordagem interpretativa única, mas também uma identidade teológica fortemente sectária.

Os estudos de Jacob Neusner (1991) sobre os fariseus e outros grupos judaicos são cruciais para estabelecer comparações entre suas crenças e as de Qumran. Neusner descreve os fariseus como rigorosos intérpretes da Torá, com uma visão menos centrada no fim dos tempos em comparação aos

essênios. Esse contraste também se manifesta nas relações sociais: enquanto os fariseus exerciam influência nas comunidades urbanas, os essênios preferiam o isolamento.

Lawrence Schiffman (1994) investiga as diferenças entre os saduceus, que rejeitavam ideias sobre o fim dos tempos, e os essênios, que estruturavam suas vidas em torno da espera por uma transformação divina da ordem vigente. Schiffman também discute como os sicários e zelotes incorporavam essas expectativas em sua resistência ao domínio romano, demonstrando que a crença em uma intervenção sobrenatural estava profundamente associada à luta política.

O impacto dessas doutrinas na formação do cristianismo primitivo é abordado por James VanderKam e Peter Flint (2002), que destacam as conexões entre as profecias judaicas e a figura de Jesus. Craig A. Evans (2019) reforça essa relação, sugerindo que as concepções sobre o Messias e o juízo final, encontradas em Qumran, influenciaram elementos fundamentais do Novo Testamento.

Dessa forma, as contribuições desses estudiosos fornecem uma base teórica robusta para analisar a identidade da comunidade de Qumran e sua relação com o judaísmo do Segundo Templo, além de lançar luz sobre suas possíveis conexões com o cristianismo nascente.

ANÁLISE COMPARATIVA

A análise comparativa das interpretações escatológicas da comunidade de Qumran e de outros grupos judaicos do Segundo Templo é fundamental para identificar as singularidades e interseções dessas visões. No entanto, a compreensão completa das diferenças também exige considerar os aspectos culturais e sociais que moldaram essas comunidades.

Os essênios acreditavam em uma batalha iminente entre as forças do bem e do mal, culminando na intervenção divina e no estabelecimento do Reino

de Deus. Textos como o Rolo da Guerra e o Manual de Disciplina refletem uma visão apocalíptica e uma organização comunitária rigidamente estruturada. Collins (1998) aponta que a vida em comunidade e a busca pela pureza ritual eram centrais para essa seita, o que os isolava do restante da sociedade judaica.

Os fariseus tinham uma interpretação menos apocalíptica, centrada na esperança de ressurreição futura e no cumprimento da Torá. Diferentemente dos essênios, sua influência estava profundamente enraizada na vida cotidiana das comunidades judaicas. Neusner (1991) descreve os fariseus como mediadores entre o povo e a Lei, exercendo um papel cultural importante na formação de uma identidade judaica mais abrangente.

Os saduceus rejeitavam a crença em ressurreição e em intervenções divinas iminentes, priorizando a manutenção do culto no Templo. Schiffman (1994) destaca que essa seita era composta majoritariamente por elites sacerdotais, cuja posição privilegiada estava intrinsecamente ligada às estruturas políticas e religiosas dominantes de Jerusalém.

Os zelotes e sicários articulavam esperanças apocalípticas com resistência armada contra o domínio romano. Horsley (1987) argumenta que, para esses grupos, a intervenção divina estava ligada à ação militar e à restauração da soberania de Israel. Sua organização social refletia uma cultura de resistência e martírio.

Além das diferenças escatológicas, os grupos judaicos do Segundo Templo apresentavam contrastes significativos em termos culturais e sociais. Enquanto os essênios viviam em comunidades isoladas, com forte ênfase na pureza ritual e no celibato, os fariseus se integravam às comunidades urbanas, influenciando a prática religiosa cotidiana. Os saduceus, como elites sacerdotais, detinham o poder político e religioso em Jerusalém, enquanto os zelotes e sicários operavam nas margens da sociedade, frequentemente em oposição ao status quo.

Essa pluralidade de perspectivas e organizações sociais não apenas moldou as crenças escatológicas, mas também contribuiu para a fragmentação e a riqueza cultural do judaísmo do Segundo Templo. Uma compreensão mais ampla dessas diferenças é essencial para contextualizar os Manuscritos do Mar Morto e sua produção

em Qumran. A hipótese majoritariamente aceita de que a comunidade de Qumran era composta exclusivamente por essênios não corrobora com os achados encontrados em escavações, como, por exemplo, os vários cemitérios descobertos na localidade, que revelam ossadas de mulheres e crianças que provavelmente conviviam no local.

GRUPO	VISÃO ESCATOLÓGICA	ORGANIZAÇÃO SOCIAL	ASPECTOS CULTURAIS
Essênios	Batalha iminente entre o bem e o mal; dois messias: sacerdotal e real	Comunidades isoladas; celibatárias e rigorosamente organizadas	Ênfase na pureza ritual e vida comunitária rígida
Fariseus	Esperança na ressurreição futura; foco na Torá oral	Integração com a sociedade urbana; mediadores da Torá	Influência na prática religiosa cotidiana e nas tradições orais
Saduceus	Rejeição de ressurreição e apocalíptica; ênfase no Templo	Elites sacerdotais; domínio político e religioso em Jerusalém	Foco no culto no Templo e manutenção do status quo
Zelotes/Sicários	Intervenção divina associada à resistência militar	Grupos armados e clandestinos; cultura de resistência	Valorização do martírio e da ação política/militar

Figura 1: Comparação entre os grupos judaicos do Segundo Templo.

A figura 1 apresentada sintetiza as principais diferenças entre os grupos judaicos do Segundo Templo, destacando suas crenças escatológicas, organizações sociais e características culturais. A comparação evidencia como cada grupo interpretava o futuro de Israel e estruturava sua relação com a sociedade e o poder político da época.

Os essênios, por exemplo, possuíam uma visão dualista da história, acreditando na iminência de um conflito cósmico entre as forças do bem e do mal. Essa concepção escatológica influenciava diretamente sua organização social, caracterizada por comunidades isoladas e rígidas regras de pureza ritual. Já os fariseus, apesar de compartilharem a crença na ressurreição e no julgamento divino,

tinham um papel mais integrado à sociedade, atuando como mediadores da Torá e influenciando a vida cotidiana judaica. Os saduceus, por outro lado, rejeitavam a crença na ressurreição e focavam exclusivamente na manutenção do culto no Templo, alinhando-se às elites sacerdotais de Jerusalém. Enquanto isso, os zelotes e sicários combinavam sua visão de intervenção divina com uma resistência ativa contra o domínio romano, promovendo ações militares e valorizando o martírio como meio de alcançar a redenção nacional.

Dessa forma, a tabela demonstra que, apesar das divergências doutrinárias, esses grupos estavam interligados por meio de suas expectativas religiosas e políticas. A comunidade de Qumran, possivelmente de origem essênia, apresentava

influências desses diversos segmentos, refletindo em seus escritos uma confluência de perspectivas que moldaram o judaísmo do período e, posteriormente, impactaram o cristianismo primitivo.

Essa análise fornece um panorama abrangente das diferentes perspectivas escatológicas no judaísmo do Segundo Templo, destacando as características únicas da comunidade de Qumran.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo baseou-se em uma combinação de análise bibliográfica, exegese textual, hermenêutica e contextualização histórica. O objetivo foi garantir uma compreensão abrangente dos manuscritos de Qumran e das interpretações escatológicas atribuídas à comunidade. Na figura 2, é possível observar o fluxograma metodológico com as etapas seguidas para a presente pesquisa.

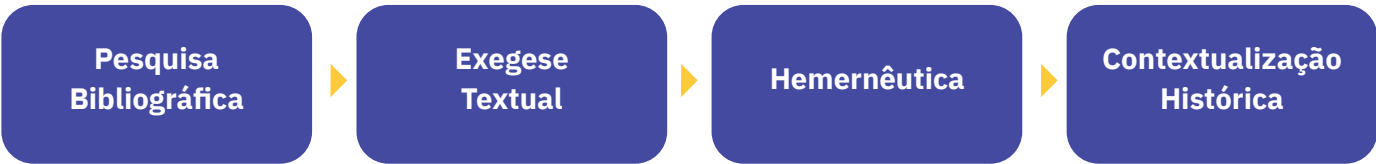


Figura 2: Fluxograma Metodológico

A figura 3 apresenta um resumo das metodologias aplicadas no presente trabalho, bem como os objetivos e ferramentas utilizadas em cada uma delas.

Etapas	Objetivo	Ferramentas Utilizadas
Pesquisa Bibliográfica	Identificar as principais fontes acadêmicas	Livros, artigos e revisões
Exegese Textual	Analisar passagens específicas dos manuscritos	Concordâncias, traduções interlineares
Hermenêutica	Reinterpretar textos à luz de debates teológicos	Métodos hermenêuticos
Contextualização Histórica	Relacionar os manuscritos ao contexto sociopolítico	Flávio Josefo, arqueologia

Figura 3: Etapas da Metodologia.

DISCUSSÃO

A discussão sobre quem escreveu os Manuscritos do Mar Morto continua a ser uma das questões mais debatidas na academia. A visão tradicional, defendida por estudiosos como Geza Vermes (1997) e Florentino García Martínez (2006), associa os manuscritos aos essênios. Eles argumentam que os textos refletem as crenças, práticas e organização dessa seita judaica. O Manual de Disciplina e o Rolo da Guerra descrevem uma comunidade rigidamente estruturada, com forte ênfase em pureza ritual e esperanças apocalípticas, características frequentemente associadas aos essênios.

Por outro lado, estudiosos como Norman Golb (1995) contestam essa identificação, sugerindo que os manuscritos representam uma biblioteca coletiva de textos judaicos e não pertencem exclusivamente aos essênios. Golb argumenta que a diversidade de gêneros literários e temas nos manuscritos indica que eles foram compilados a partir de várias fontes e grupos judaicos.

John J. Collins (1998), embora geralmente alinhado com a identificação essênica, reconhece que há uma complexidade nos manuscritos que sugere influências externas. Ele propõe que a comunidade de Qumran pode ter interagido com outros grupos judaicos, como os fariseus e zelotes, absorvendo alguns de seus elementos teológicos e apocalípticos.

Uma abordagem interessante é apresentada por Lawrence Schiffman (1994), que sugere que os manuscritos refletem uma seita sacerdotal dissidente. Schiffman argumenta que a ênfase nos rituais do Templo e na pureza sacerdotal pode indicar que os autores estavam em conflito com o sacerdócio dominante de Jerusalém. Essa visão também é corroborada por alguns textos, como o Rolo do Templo, que descrevem uma visão idealizada do culto.

Embora seja plausível que os essênios tenham sido os principais autores dos manuscritos, a presença de textos que divergem das doutrinas essênicas

sugere uma influência múltipla. A comunidade de Qumran pode ter funcionado como um centro de produção e preservação de textos para vários grupos judaicos dissidentes, que se organizaram em prol da preservação da pureza sacerdotal, sem ser contaminada pelas correntes contemporâneas. A diversidade de temas, desde escatologia até regulamentações sacerdotais, reflete um judaísmo altamente fragmentado, mas interconectado.

A diversidade das perspectivas escatológicas merece destaque particular. Os essênios adotavam uma visão dualista, enfatizando a batalha iminente entre o bem e o mal e a intervenção de dois messias, como descrito por Collins (1998). Em contraste, os fariseus interpretavam a escatologia de forma menos apocalíptica, focando na esperança de ressurreição futura (Neusner, 1991). Os saduceus rejeitavam completamente a apocalíptica e a ressurreição, privilegiando práticas rituais do Templo, conforme Schiffman (1994). Já os zelotes e sicários combinavam esperanças apocalípticas com resistência política e militar (Horsley, 1987). Essa pluralidade ressalta como cada grupo adaptava suas crenças ao contexto social e político em que vivia, e todas elas podem ser encontradas nos escritos de Qumran.

Além disso, as evidências arqueológicas, como os utensílios de purificação e os espaços comunitários encontrados em Qumran, corroboram a hipótese de que o local era habitado por uma comunidade sectária, com fortes preocupações rituais. Esses achados sustentam a ideia de uma vida comunitária, como descrita em textos como o Manual de Disciplina. No entanto, a falta de provas definitivas que liguem diretamente esses artefatos aos manuscritos em si adiciona uma camada de incerteza ao debate, uma vez que achados arqueológicos evidenciaram construções anteriores aos escritos (VanderKam, 1994).

Outro ponto que fortalece a discussão sobre autoria múltipla é a variedade de estilos literários e temas encontrados nos manuscritos. Por exemplo, o Pesher Habacuque reflete uma interpretação profundamente sectária e apocalíptica das

Escrituras, enquanto textos como o Rolo do Templo apresentam regulamentações minuciosas, que podem não se alinhar completamente às crenças essênicas. Essa diversidade sugere que, mesmo que os essênios tenham sido os principais habitantes de Qumran, eles não necessariamente produziram todos os textos.

Um ponto a ser considerado é a diversidade social encontrada na comunidade de Qumran, a qual é essencial para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Relatos históricos, como os de Flávio Josefo e Plínio, o Velho, descrevem parte dos essênios como vivendo em comunidades celibatárias e isoladas. No entanto, evidências arqueológicas, como os túmulos encontrados em Qumran, que contêm restos mortais de mulheres e crianças, questionam a generalização do celibato. Essa perspectiva é fortalecida por textos como o Documento de Damasco, que mencionam a existência de famílias entre os essênios. James VanderKam, em *The Meaning of the Dead Sea Scrolls* (capítulo 1), apesar de ter uma visão mais alinhada à hipótese essênia, destaca que essa coexistência de práticas sociais diferentes sugere que Qumran era um ponto de convergência de diversas tradições judaicas. Assim, a presença de grupos com organizações sociais distintas corrobora a hipótese de que os Manuscritos do Mar Morto representam uma compilação influenciada por múltiplos autores e perspectivas.

Craig A. Evans (2019) propõe que os manuscritos representam não apenas a voz de uma seita, mas um “instantâneo” da diversidade teológica do judaísmo do Segundo Templo. Para Evans, Qumran pode ter funcionado como um centro de coleta e armazenamento de textos importantes, especialmente durante o período de instabilidade política em Jerusalém. Essa visão se alinha parcialmente à proposta de Norman Golb, mas difere, ao sugerir que os essênios ainda desempenharam um papel significativo na curadoria e transmissão desses textos.

Embora a questão de quem escreveu os Manuscritos do Mar Morto permaneça em aberto, a análise

sugere que os essênios desempenharam um papel central, mas não exclusivo, em sua produção e compilação. Qumran parece ter sido um ponto de convergência para várias correntes do judaísmo do Segundo Templo, refletindo tanto sua diversidade quanto seus conflitos internos. Essa síntese não apenas esclarece a natureza dos manuscritos, mas também contribui para uma compreensão mais ampla do pensamento religioso e político de um dos períodos mais turbulentos da história judaica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente estudo não foi a de estabelecer uma afirmação objetiva de quem foram os autores dos manuscritos do mar morto. No entanto, por meio das informações apresentadas ao longo deste estudo, é possível argumentar que, apesar de serem os essênios majoritariamente apontados como autores dos textos encontrados em Qumran, o debate ainda está longe de chegar a uma conclusão definitiva.

A presença de uma diversidade de gêneros literários e doutrinas sugere que outros grupos judaicos do Segundo Templo também podem ter contribuído para a compilação dos manuscritos. Essa possibilidade é corroborada por autores como Norman Golb e Craig A. Evans, que destacam a natureza multifacetada dos textos e do contexto histórico em que foram preservados.

Portanto, é mais prudente considerar os manuscritos como reflexo de um judaísmo fragmentado, no qual os essênios desempenharam um papel central, mas não exclusivo. Qumran pode ter funcionado como um centro de produção e armazenamento de textos que representavam a riqueza teológica e a complexidade social do período do Segundo Templo.

Esta síntese certamente contribui para a compreensão da comunidade de Qumran, assim como oferece insights valiosos sobre as interseções entre o judaísmo e o cristianismo primitivo, lançando luz sobre a história religiosa e cultural do Oriente Médio.

REFERÊNCIAS

- BAUMGARTEN, A. I. The flourishing of Jewish sects in the Maccabean era: an interpretation. 2. ed. Leiden: Brill, 1997.
- BROOKE, G. J. The Dead Sea Scrolls and the New Testament. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- BROSHI, M. The Damascus Document reconsidered. *Revue de Qumran*, v. 15, n. 59, p. 355–376, 1992.
- CHARLESWORTH, J. H. Textos e traduções dos Manuscritos do Mar Morto. 2. ed. São Paulo: Vida, 1994.
- COLLINS, J. J. Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls. London: Routledge, 1998.
- COLLINS, J. J. Além da comunidade de Qumran: o movimento sectário dos Manuscritos do Mar Morto. São Paulo: Paulus, 2010.
- EVANS, C. A. Jesus e os Manuscritos do Mar Morto. 2. ed. São Paulo: Academia Cristã, 2019.
- FLINT, P. W. Os Manuscritos do Mar Morto. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- JOSEFO, Flávio. História dos hebreus. Tradução de Paul L. Maier. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F. Os Manuscritos do Mar Morto transliterados e traduzidos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- HORSLEY, R. A. Bandits, prophets, and messiahs: popular movements in the time of Jesus. Winston: Harper & Row, 1987.
- MACHADO, J. A influência dos textos judaicos no Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- NEUSNER, J. The Pharisees and other Jewish sects. New York: Garland Publishing, 1991.
- SCHIFFMAN, L. H. Qumran and Jerusalem: studies in the Dead Sea Scrolls and the history of Judaism. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- SCHIFFMAN, L. H. Reclaiming the Dead Sea Scrolls. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1994.
- TOV, E. Textual criticism of the Hebrew Bible. 3. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2012.
- VANDERKAM, J. C.; FLINT, P. W. The meaning of the Dead Sea Scrolls: their significance for understanding the Bible, Judaism, Jesus, and Christianity. San Francisco: HarperOne, 2002.
- VANDERKAM, J. C. Introdução ao judaísmo do Segundo Templo. São Paulo: Vida, 2013.
- VANDERKAM, J. C. Os Manuscritos do Mar Morto hoje. São Paulo: Paulus, 2002.
- VERMES, G. Os Manuscritos do Mar Morto. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- WRIGHT, N. T. O Novo Testamento e o povo de Deus. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1992.